

HONORÉ
DE BALZAC

Tratado da vida elegante
Ensaio sobre a moda e a mesa

Organização, apresentação, tradução e notas de
ROSA FREIRE D'AGUIAR



COMPANHIA DAS LETRAS

Copyright © 2016 by Companhia das Letras

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Penguin and the associated logo and trade dress are registered and/or unregistered trademarks of Penguin Books Limited and/or Penguin Group (USA) Inc. Used with permission.

Published by Companhia das Letras in association with Penguin Group (USA) Inc.

PREPARAÇÃO

Flavia Lago

REVISÃO

Ana Maria Barbosa

Huendel Viana

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Balzac, Honoré de, 1799-1850.

Tratado da vida elegante: Ensaios sobre a moda e a mesa/
Honoré de Balzac; organização, apresentação, tradução e
notas de Rosa Freire D'Aguiar. — 1ª ed. — São Paulo: Penguin
Classics Companhia das Letras, 2016.

ISBN 978-85-8285-039-8

I. Balzac, Honoré de, 1799-1850 — Crítica e interpretação. II. D'Aguiar, Rosa Freire de. III. Título.

16-05760

CDD-840.9

Índice para catálogo sistemático:

I. Literatura francesa: História e crítica 840.9

[2016]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500 Fax: (11) 3707-3501

www.penguincompanhia.com.br

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

Sumário

Apresentação — Rosa Freire d'Aguiar 7

TRATADO DA VIDA ELEGANTE: ENSAIOS SOBRE A MODA E A MESA

A MODA

Tratado da vida elegante	25
Fisiologia da toaleta	83
A arte de pôr a gravata	95
Estudo dos costumes pelas luvas	101
Sobre as palavras na moda	107
Teoria do andar	117
Apêndice de Código da toaleta	169

A MESA

O gastrônomo francês: Discurso preliminar	211
Nova teoria do almoço	217
Fisiologia gastronômica	225
Fisiologia do charuto	231
Tratado dos excitantes modernos	235

<i>Cronologia</i>	261
<i>Outras leituras</i>	269

Tratado da vida elegante:
Ensaaios sobre a moda
e a mesa

A MODA

Tratado da vida elegante*

PRIMEIRA PARTE: GENERALIDADES

*Mens agitat molem.***

Virgílio

*Adivinha-se o espírito de um homem pela
maneira como ele porta sua bengala.*

Tradução *fashionable*

I. PROLEGÔMENOS

A civilização classificou os homens em três grandes linhas... Seria-nos fácil colorir nossas categorias à maneira do sr. Charles Dupin;*** mas, como o charlatanismo seria

* Publicado em *La Mode*, 2, 9, 16, 23 out. e 6 nov. 1830. [Esta e as demais notas com asterisco são da tradutora. As notas numeradas são de Balzac.]

** “A mente põe a matéria em movimento”, , *Eneida*, VI, 727.

*** Pierre Charles François Dupin (1784-1873) foi um matemático e geógrafo francês que aplicou as estatísticas ao estudo da sociedade. Em 1826, publicou um atlas do analfabetismo na França, acompanhado de um “mapa colorido” que indicava em branco a superioridade moral dos povos da Grã-Bretanha, e

um contrassenso numa obra de filosofia cristã, nos dispensaremos de misturar a pintura com os “x” da álgebra, e tentaremos, professando as doutrinas mais secretas da vida elegante, ser compreendidos até mesmo por nossos antagonistas, as pessoas com botas de cano virado.

Ora, as três classes de seres criados pelos costumes modernos são:

- O homem que trabalha,
- O homem que pensa,
- O homem que não faz nada.

Daí, três fórmulas de existência bastante completas para expressar todos os gêneros de vida, desde o romance poético e vagabundo do *boêmio* até a sonífera e monótona história dos reis constitucionais:

- A vida ocupada,
- A vida de artista,
- A vida elegante.

Sobre a vida ocupada

O tema da vida ocupada não tem variantes. Ao trabalhar com seus dez dedos, o homem abdica de todo um destino, torna-se um meio; e apesar de toda a nossa filantropia, só os resultados conquistam nossa admiração. O homem anda por toda parte, maravilhando-se diante de alguns montes de pedras; e caso se lembre dos que as amontoaram, é para esmagá-los com sua compaixão; se o arquiteto ainda lhe aparece como um grande espírito, seus operários não são mais do que espécies de guinchos, e continuam a ser confundidos com carrinhos de mão, pás e picaretas.

É uma injustiça? Não. Semelhantes às máquinas a va-

em cor mais escura as regiões francesas ao sul do rio Loire. Em vários textos dessa época Balzac alfineta Dupin.

por, os homens arregimentados para o trabalho produzem, todos, da mesma forma, e nada têm de individual. O homem-instrumento é uma espécie de zero social, e o maior número possível de zeros jamais formará uma soma se não for precedido por alguns algarismos.

Um lavrador, um pedreiro, um soldado são fragmentos uniformes de uma mesma massa, segmentos de um mesmo círculo, a mesma ferramenta cujo cabo é diferente. Deitam-se e levantam-se com o sol; para uns, com o canto do galo; outros, com o toque de alvorada; para este, uma calça de pele, duas varas de pano azul e botas; para aquele, os primeiros farrapos encontrados; para todos, as comidas mais toscas: bater o gesso ou bater em homens, colher vagens ou golpes de sabre, este é, em cada estação do ano, o resultado de seus esforços. O trabalho parece-lhes um enigma cuja solução buscam até seu último dia. É bastante frequente que a triste punição de suas existências seja recompensada pela compra de um banquinho de madeira onde se sentam à porta de uma choupana, sob um sabugueiro empoeirado, sem temer ouvir um laçaiio lhes dizer:

— Vá embora, homem, só damos aos pobres na segunda-feira.

Para todos esses infelizes, a vida é decidida pelo *pão na cesta*, e a elegância, por um baú onde há uns andrajos.

O pequeno varejista, o alferes, o redator auxiliar são os tipos menos degradados da vida ocupada; mas suas vidas ainda são marcadas pelo cunho da vulgaridade. É sempre o trabalho, e sempre o guincho, só que seu mecanismo é um pouco mais complicado, e nele a inteligência engrena com parcimônia.

Longe de ser um artista, o alfaiate é sempre imaginado no pensamento dessas pessoas na forma de uma implacável fatura; abusam da instituição dos colarinhos postiços; recriminam-se por uma fantasia como se fosse um roubo feito a seus credores; e para elas, uma carruagem é um fia-

cre nas circunstâncias correntes, um carro de aluguel nos dias de enterro ou de casamento.

Se não entesouram como os trabalhadores braçais a fim de garantir na velhice casa e comida, a esperança de sua vida de abelha não vai muito além; pois a propriedade é um quarto gelado no quarto andar, na Rue Boucherat;* depois, um capote e luvas de percal cru para a mulher, um chapéu cinza e uma meia xícara de café para o marido, a educação de Saint-Denis** ou uma bolsa parcial para as crianças, o *cozido* com salsinha duas vezes por semana para todos. Nem totalmente zeros, nem totalmente números, essas criaturas aí talvez sejam decimais.

Nessa cidade *dolente*,*** a vida é resolvida com uma pensão ou alguma renda do Tesouro, e a elegância, com drapeados de franjas, uma cama em forma de barco e castiçais com redoma de vidro.

Se galgamos mais uns degraus da escala social, em que as pessoas ocupadas sobem e se balançam como grumetes nos cordames de um grande navio, encontramos o médico, o padre, o advogado, o tabelião, o pequeno magistrado, o grande negociante, o fidalgo do interior, o burocrata, o oficial superior etc.

Esses personagens são aparelhos maravilhosamente aperfeiçoados, cujas bombas, correias, cujos balancins e todas as engrenagens, em suma, cuidadosamente polidas, ajustadas, lubrificadas, realizam suas rotações sob hon-

* Parte da atual da Rue de Turenne, no Marais, na época bairro da pequena burguesia.

** A Maison de Saint-Denis foi um colégio criado por Napoleão Bonaparte para a educação dos filhos dos condecorados com a Legião de Honra e de órfãos de militares mortos nas conquistas napoleônicas.

*** Referência à *città dolente* que figura no alto das portas do Inferno, da *Divina comédia* de Dante: “*Per me si va nella città dolente*”, canto III, v. 1.

rados xairéis bordados. Mas essa vida continua a ser uma vida de movimento em que os pensamentos ainda não são livres nem amplamente fecundos. Esses senhores devem fazer diariamente um certo número de trajetos inscritos em *agendas*. Esses livrinhos substituem os *cães de pátio** que outrora os perseguiram no colégio, e que a toda hora lhes lançam na memória que eles são os escravos de um ser racional mil vezes mais caprichoso, mais ingrato que um soberano.

Quando chegam à idade do descanso, o sentimento da *fashion* se obliterou, o tempo da elegância fugiu sem volta. Assim, a carruagem que passeia com eles tem estribos salientes para várias finalidades, ou é decrépita como a do famoso Portal.** Entre eles, o preconceito contra a caxemira ainda subsiste; suas mulheres usam colares de pedras e diamantes e brincos de pedrarias; seu luxo constitui, sempre, uma poupança; em suas casas tudo é *luxuoso*, e lê-se no alto do cubículo da porteira: *Dirija-se ao Suíço.**** Se na soma social eles contam como algarismos, seriam unidades.

Para os novos-ricos dessa classe, a vida está resolvida pelo título de barão, e a elegância, por um doméstico com libré de caça, todo emplumado, ou por um camarote no teatro Feydeau.

Aqui termina a vida ocupada. O alto funcionário, o prelado, o general, o grande proprietário, o ministro, o laçai¹ e os príncipes estão na categoria dos ociosos, e pertencem à vida elegante.

* No original, *chiens de cour*, gíria da época de Balzac estudante, para denominar os professores que tomavam conta dos alunos no pátio da escola.

** Antoine Portal (1742-1832), médico do rei Luís XVIII e anatomista conhecido por levar uma vida simples.

*** Porteiro de palacetes nos séculos XVII e XVIII, que vestia um uniforme parecido com o dos mercenários suíços.

1 O laçai é uma espécie de bagagem essencial à vida elegante.

Depois de acabar essa triste autópsia do corpo social, um filósofo sente tanta repugnância pelos preconceitos que levam os homens a passar uns perto dos outros evitando-se como cobras, que precisa dizer: “Não construo uma nação a meu gosto, aceito-a já feita...”.

Esse resumo da sociedade tomada em conjunto deve ajudar a conceber nossos primeiros aforismos, que formularemos assim:

Aforismos

I

O objetivo da vida civilizada ou da selvagem é o repouso.

II

O repouso absoluto produz o tédio.

III

A vida elegante é, numa ampla acepção do termo, a arte de animar o descanso.

IV

O homem acostumado ao trabalho não consegue entender a vida elegante.

V

COROLÁRIO. Para ser *fashionable*, é preciso desfrutar do repouso sem ter passado pelo trabalho; em outras palavras, ganhar um quaterno,* ser filho de milionário, príncipe, ter uma sinecura ou acumular salários.

* Um quaterno era um conjunto de quatro números na loteria. O premiado ganhava 75 mil vezes a aposta.

Sobre a vida de artista

O artista é uma exceção: sua ociosidade é um trabalho, e seu trabalho é um descanso; ele é elegante e desleixado, alternadamente; veste de bom grado o avental do lavrador e decide sobre o fraque a ser usado pelo homem da moda; não se submete a leis: ele as impõe. Que se ocupe de não fazer nada ou medite sobre uma obra-prima sem parecer ocupado; que conduza um cavalo com uma brida de madeira ou leve à rédea solta os quatro cavalos de uma *britchka*;* que não tenha 25 centavos na carteira ou distribua ouro a mancheias, ele é sempre a expressão de um grande pensamento e domina a sociedade.

Quando o sr. Peel entrou na casa do senhor visconde de Chateaubriand, encontrou-se num gabinete em que todos os móveis eram de carvalho: o ministro trinta vezes milionário viu de repente que aquela simplicidade esmagava as mobílias de ouro ou prata maciça que atulham a Inglaterra.

O artista é sempre grande. Tem elegância e vida próprias porque nele tudo reflete sua inteligência e sua glória. São tantos artistas quanto vidas caracterizadas por ideias novas. Para eles a *fashion* não deve ser algo forçado: esses seres indomáveis moldam tudo a seu bel-prazer. Quando se apoderam de uma imagem grotesca, é para transfigurá-la.

Dessa doutrina deduz-se um aforismo europeu:

VI

Um artista vive como quer, ou... como pode.

* A *britchka* era uma espécie de diligência espaçosa, com quatro rodas e capota conversível na parte traseira. Em geral, puxada por dois cavalos, sendo assim reservada aos mais abastados.

Sobre a vida elegante

Se nos omitíssemos aqui de definir a vida elegante, este tratado ficaria aleijado; um tratado sem definição é como um coronel amputado das duas pernas: não pode mais caminhar senão capengando. Definir é abreviar. Abreviemos, pois.

Definições

A vida elegante é a perfeição da vida exterior e material:

Ou então,

A arte de gastar suas rendas como um homem de espírito;

Ou ainda,

A ciência que nos ensina a nada fazer como os outros, aparentando fazer tudo como eles;

Mas melhor, talvez,

O desenvolvimento da graça e do gosto em tudo o que nos é próprio e nos cerca;

Ou, mais logicamente,

Saber honrar sua fortuna.

Segundo nosso honrado amigo E. de G.,* seria

* Émile de Girardin (1802-81), jornalista e político, fundou e dirigiu *La Mode*. Em seguida: P.-T. Smith aludiria ao economista inglês Adam Smith, autor de *A riqueza das nações* e defensor da ideia de que o trabalho intelectual e industrial é tão rentável como o trabalho da terra. Jean-Joseph Jacotot (1770-1840) era um pedagogo francês que inventou um método de ensinar línguas a partir de uma edição bilíngue do tratado antimonarquista *As aventuras de Telêmaco*, de François Fénelon (1651-1715). Nesse livro, uma república ideal chamada Salente é retratada. Victor Cousin (1792-1867) foi professor de filosofia da Escola Normal Superior e publicou o *Curso de história da filosofia moderna* em 1828. Era constantemente alvo das ironias de Balzac. O conde de Saint-Simon (1760-1825) foi filósofo e economista e um dos fun-

A nobreza transmitida às coisas.

De acordo com P.-T. Smith,

A vida elegante é o princípio fecundante da indústria.

Seguindo o sr. Jacotot, um tratado sobre a vida elegante é inútil, considerando que ele se encontra por inteiro em *Telêmaco* (ver a Constituição de Salente).

A dar ouvidos ao sr. Cousin, estaria numa ordem de pensamentos mais elevada: “O exercício da razão necessariamente acompanhado dos sentidos, da imaginação e do coração que, misturando-se às instituições primitivas e às iluminações imediatas do animalismo, vai tingindo a vida com suas cores”. (Veja-se na página 44 do *Curso de história da filosofia moderna* se a expressão “vida elegante” não é verdadeiramente esse enigma.)

Na doutrina de Saint-Simon,

A vida elegante seria a maior doença que pode flagelar uma sociedade, partindo desse princípio: uma grande fortuna é um roubo.

Segundo Chodruc,

Ela é um tecido de frivolidades e parvoíces.

A vida elegante comporta de fato todas essas definições subalternas, perífrases de nosso aforismo III; mas a nosso ver abrange questões ainda mais importantes, e para nos mantermos fiéis a nosso sistema de abreviação vamos tentar desenvolvê-las.

Um povo de ricos é um sonho político impossível de se realizar: uma nação se compõe necessariamente de pessoas que produzem e de pessoas que consomem. Como é que quem semeia, planta, rega e colhe é justamente quem come menos? Tal resultado é um mistério bastante fácil de ser

dadores do socialismo utópico. Émile Chodruc-Duclos (1780-1842), conspirador e ultramonarquista, depois de várias prisões adotou uma vida muito simples, passeando como um maltrapilho, o que lhe valeu o apelido de “O Diógenes do Palais-Royal” por suas críticas aos bens materiais.

decifrado, mas que muita gente gosta de considerar como um grande pensamento providencial. Daremos talvez a explicação para isso mais tarde, chegando ao termo do caminho seguido pela humanidade. Por ora, arriscando-nos a sermos acusados de aristocracia, diremos francamente que um homem colocado no último degrau da sociedade não deve pedir contas a Deus sobre seu destino mais do que uma ostra pediria.

Essa observação, a um só tempo filosófica e cristã, decidirá talvez a questão aos olhos das pessoas que meditam um pouco sobre as Constituições; e como não falamos a outras, prosseguimos.

Desde que existem as sociedades, um governo sempre foi um contrato de segurança pactuado entre os ricos contra os pobres. A luta intestina produzida por essa pretensa partilha à *Montgomery* acende nos homens civilizados uma paixão geral pela *fortuna*, expressão que é o protótipo de todas as ambições particulares; pois do desejo de não pertencer à classe sofredora e humilhada derivam a nobreza, a aristocracia, as distinções, os cortesãos, as cortesãs etc.

Mas essa espécie de febre que leva o homem a ver por todo lado paus de sebo e a se afligir por só ter trepado até um quarto da escada, até um terço ou até a metade, obrigatoriamente desenvolveu o amor-próprio além da conta e gerou a vaidade. Ora, como a vaidade é apenas a arte de se endomingar todos os dias, cada homem sentiu a necessidade de ter, como amostra de sua força, um sinal que serve para informar aos passantes o lugar em que ele se encarapita no grande pau de sebo, no alto do qual se exercitam os reis. E é assim que os brasões, as librés, os capelos, os longos cabelos, os cata-ventos, os saltos vermelhos,* as mitras, os columbários, a almofada

* No Antigo Regime, os saltos vermelhos eram exclusivos dos nobres.

na igreja e o incenso no nariz, os sobrenomes nobres, as condecorações, os diademas, as moscas no rosto, o vermelho, as coroas, os sapatos de bico virado, os barretes, as samarras, os veiros, o escarlata, as esporas etc. etc., tornaram-se sucessivamente sinais materiais do maior ou menor descanso que um homem podia ter; das maiores ou menores fantasias que tinha o direito de satisfazer, do mais ou do menos de homens, de prata, de pensamentos, de labores que lhe era possível desperdiçar. Então, um passante distinguia, só de vê-lo, um ocioso de um trabalhador, um algarismo de um zero.

De repente, a Revolução, tendo tomado com mão forte todo esse guarda-roupa inventado por catorze séculos, e tendo-o reduzido a papel-moeda, trouxe alucinadamente uma das maiores desgraças capazes de atacar uma nação. As pessoas ocupadas se cansaram de trabalhar sozinhas; puseram na cabeça que dividiriam suas penas e seu lucro, em porções iguais, com ricos infelizes que nada sabiam fazer, a não ser deliciarem-se em sua ociosidade!...

O mundo inteiro, espectador dessa luta, viu aqueles mesmos que mais tinham se assustado com esse sistema logo proscrevê-lo, declarou-lo subversivo, perigoso, incômodo e absurdo, tão logo eles mesmos, trabalhadores, se metamorfosearam em ociosos.

Assim, a partir daí a sociedade se reconstituiu, se rebaronificou, se recondificou, se reengalanou, e as plumas de galo foram encarregadas de ensinar ao pobre povo o que as pérolas heráldicas lhe diziam outrora: “Vade retro, Satanás!... Atrás de nós, CHOLDRA!...”. A França, país eminentemente filosófico, tendo experimentado, devido a essa última tentativa, a bondade, a utilidade e a segurança do velho sistema a partir do qual se construía as nações, voltou por conta própria, graças a alguns soldados, ao princípio em virtude do qual a Trindade pôs neste mundo vales e montanhas, carvalhos e gramíneas.

E no ano da graça de 1804, como havia sido no ano

MCXX,* foi reconhecido que é infinitamente agradável para um homem ou uma mulher pensar, quando olha para seus compatriotas:

Estou acima deles; enlameio-os, protejo-os, governo-os; e todos veem claramente que eu os governo, os protejo e os enlameio; pois um homem que enlameia, protege ou governa os outros, fala, come, anda, bebe, dorme, tosse, veste-se, diverte-se diferentemente das pessoas enlameadas, protegidas e governadas.

E surgiu a VIDA ELEGANTE!...

E lançou-se, toda brilhante, toda nova, toda velha, toda jovem, toda orgulhosa, toda pimpona, toda aprovada, corrigida, aumentada e ressuscitada por esse monólogo maravilhosamente moral, religioso, monárquico, literário, constitucional, egoísta:

“Eu enlameio, eu protejo, eu...” etc.

Pois os princípios segundo os quais se conduzem e vivem as pessoas que têm talento, poder ou dinheiro, jamais se assemelharão aos da vida vulgar.

E ninguém quer ser vulgar!...

A vida elegante é, pois, essencialmente a ciência das maneiras.

Agora a questão nos parece suficientemente abreviada, e tão sutilmente apresentada quanto se o S. S. conde Ravez se encarregasse de propô-la na primeira Câmara Setenal.**

* Em 1804 foi adotado o código napoleônico como Código Civil; em junho de 1120 Luís VI, rei dos francos, assinou a paz com Henrique I da Inglaterra, depois de uma derrota em que perdia o ducado da Normandia.

** Auguste Simon Hubert, conde de Ravez (1770-1849), foi secretário (S. S.) de Estado e presidente da Câmara dos Deputados, eleito por nove anos, de 1818 a 1827. Era conhecido por ser um bom analista e muito conciso.

Mas em que casta começa a vida elegante? E todos os ociosos estão aptos a seguir seus princípios?

Eis dois aforismos que devem esclarecer todas as dúvidas e servir de ponto de partida para nossas observações *fashionables*:

VII

Para a vida elegante, o único ser completo é o centauro, isto é, o homem num tálburi.

VIII

Não basta ter enriquecido ou nascido rico para levar uma vida elegante, é preciso ter o sentimento de levá-la.

Não te faças de príncipe — disse Sólon antes de nós — se não aprendeste a sê-lo.